

# APARELHO VOADOR A BAIXA ALTITUDE / 2002

um filme de Solveig Nordlund

**Realização:** Solveig Nordlund / **Argumento:** Solveig Nordlund, Colin Tucker, Jeanne Waltz, baseado no conto "Low Flying Aircraft" de J. G. Ballard / **Fotografia:** Acácio de Almeida / **Música:** Johan Zachrisson / **Som:** Miguel Martins / **Direção Artística:** Mona Theresia Forsén, Pedro Sá / **Efeitos Especiais:** Horst Stadlinger / **Montagem:** Snezana Lalic / **Interpretação:** Margarida Marinho (Judite), Miguel Guilherme (André), Rui Morrison (Dr. Gould), Rita Só (Carmen), Canto e Castro (Sr. Ferreira), Ismael Lourenço (Gaston), Sheila Buchanan (Vilma), Maria Duarte Pereira (Joy), Fernanda Duarte (Cindy), José Pinto (Canalizador), Isabel de Castro (Sra. Ferreira)

**Produção:** Filmes do Tejo, Torromfilm (Suécia) / **Produtores:** Solveig Nordlund, François d'Artemare, Maria João Mayer / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, DCP, cor, versão original, legendada em português, 82 minutos / **Estreia mundial:** Festival de Cinema de Gotemburgo, 2 de Fevereiro de 2002 / **Estreia em Portugal:** Cinema Quarteto e Cinema São Jorge, 10 de Maio de 2002.

**Aparelho Voador a Baixa Altitude** é apresentado juntamente com **Setúbal Sanatório do Outão** ("folha" distribuída em separado).

---

*Aparelho Voador a Baixa Altitude* é uma das poucas adaptações da obra de J.G. Ballard e um dos poucos filmes portugueses que se podem inscrever no género «ficção científica». Tal designação não deixa de ser problemática: Ballard sempre disse que escrevia sobre o «futuro próximo» e não sobre um futuro distante. Nesse sentido, a história apenas leva ao limite alguns dados que já existem nas sociedades actuais: a queda da natalidade, a escassez dos recursos, a desertificação de algumas zonas, o medo do contágio, o domínio estatal sobre as vidas e as consciências. Não deixa de ser curioso que a sede lisboeta da Caixa Geral de Depósitos, conhecida pelo seu gigantismo «autocrático», seja um dos cenários desta distopia. Um edifício dos tempos de hoje a anunciar os tempos que aí vêm.

O conto de Ballard, publicado em *Low-Flying Aircraft and Other Stories* (1976), tem uma forte dimensão paisagística, que é aliás uma marca constante dos textos do ficcionista inglês. «Paisagem» aqui não significa qualquer deleite bucólico mas antes a exteriorização de um estado mental, individual ou colectivo. A paisagem ballardiana por excelência é uma *wasteland*, com prédios abandonados, piscinas, varandas, escadas e estradas. É uma paisagem em grande medida arquitectónica, mas é uma arquitectura da desolação.

Este elemento, cinematográfico por excelência, torna ainda mais estranho que o cinema tenha adaptado Ballard tão poucas vezes. Fiel no essencial ao material de origem, o filme de Solveig Nordlund é fortemente visual: o automóvel *vintage* vermelho, o avião, o grande hotel quase vazio. As cores são saturadas, apocalípticas, um céu de nuvens castanhas, ominosas, o colosso de cimento de um prédio abandonado em Tróia, uma composição cuidada, mas gelada, dos planos, tudo traduz uma sensação de distância, incomunicabilidade e extinção.

É precisamente da extinção que fala este filme, da carência populacional que se tornou, no mundo ocidental, o grande problema. Contra as expectativas malthusianas, a população decresce, e isto ainda é mais perigoso que o crescimento descontrolado. No mundo de *Aparelho Voador a Baixa Altitude* já não há nações com muito habitantes, nenhum ultrapassa as dezenas de milhares de pessoas, e países inteiros têm que «fechar», como é o caso da Suécia. A falta de recursos e a escassez de nascimentos é uma ameaça fatal, que talvez acabe com a Humanidade no espaço de uma geração.

Como se chegou a esta míngua de recursos, não sabemos exactamente. Mas sabemos que a população decresceu não apenas pela diminuição da procriação, mas por uma espécie de doença. Uma doença que é uma forma de invasão: muitas gravidezes não dão origem a crianças mas a uns seres deformados, os «zotes», que é preciso despistar através de testes genéticos. Isso significa que o Estado (a «Confederação») intervém na vida íntima dos casais, obrigando a testes e abortos, para impedir essa *invasão obstétrica*. Mais uma vez, estamos num «futuro próximo», num mundo que acentua os nossos medos e paranóias actuais, nomeadamente os que decorrem da chamada «biopolítica».

Há porém um aspecto imprevisto, que Solveig Nordlund aproveita para fazer uma *distopia optimista*. É que os zotes não têm que ser necessariamente gente monstruosa. O único que conhecemos, uma rapariga escanzelada e atraente, é quando muito uma pessoa com defeitos físicos (que aliás mal vemos), tão «defeituosa» como um deficiente, ou seja, tão humana. Quando o filho de Judite e André nasce, eles dizem que «é perfeito» porque o aceitam tal como ele é, embora não possam ficar com ele. O rapaz vai chamar-se Elias, como o profeta, e o filme acaba com uma nota de esperança, ainda que uma esperança paradoxal. Não sabemos se a espécie humana vai acabar; provavelmente vai. Mas os zotes, esses humanos «defeituosos», asseguram uma espécie de Humanidade mutilada, representada por aquele verde brilhante que é a única cor que eles distinguem, e o que o aparelho voador a baixa altitude espalha pelos céus. Se o mote estatal é um irónico e perverso «acreditamos no futuro», a verdade é que no fim deste apocalipse fica uma espécie de esperança no futuro. Um futuro pós-humano, talvez.

Pedro Mexia

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico